

Nomes de doença compostos e não compostos no séc. XVIII – Reflexo do conhecimento disponível

Compound and non-compound disease names in the 18th century – A reflection of the knowledge available at the time

Ana Vieira Barbosa¹

¹ ESECS-IPLeiria, CELGA-ILTEC

Resumo

Ao longo do trabalho analisam-se nomes de doença de estrutura composta retirados de três obras médicas do século XVIII. Os nomes foram recolhidos porque os mesmos textos apresentam denominações alternativas, não compostas, de origem clássica. Ao longo das suas obras, os autores optam por utilizar os nomes compostos, no entanto, na sua generalidade, estes acabaram por desaparecer do discurso médico. Em sentido inverso, os nomes preteridos pelos autores prevalecem hoje como denominação de doenças. Verificou-se que os nomes compostos apresentam um significado composicional que é descritivo da doença e que, num tempo anterior à reflexão sobre os discursos técnicos e a terminologia, ou mesmo anterior à instituição da medicina enquanto ciência, a inteligibilidade poderia ser um fator determinante.

Palavras-chave: Composição, nomes de doença, significado.

Abstract

This paper analyses the names of diseases of composite structure, taken from three medical works from the 18th century. These names were collected because the same texts present alternative, non-compound names of classical origin. Although the authors opt to use compound names throughout their works, these have ultimately disappeared from medical discourse. Conversely, the names rejected by the authors currently prevail as disease names. It became clear that compound names have a compositional meaning that describes the disease. In a time before reflection on technical discourse and terminology, or even before the institution of medicine as a science, intelligibility could have been a determining factor.

Keywords: Composition, disease names, meaning.

1. Introdução

A denominação da realidade acompanha o homem e as línguas desde sempre. Consiste numa necessidade comunicativa que tem de ser satisfeita. Para atender a essas necessidades comunicativas e denominativas, as línguas recorrem aos nomes e dispõem de diversos recursos para enriquecer o seu acervo lexical. As línguas enriquecem-se através de nomes de origens diversas e de processos de formação de palavras que lhes permitem gerar novos nomes. No presente trabalho, interessam os nomes que se encontram em algumas obras do século XVIII com o propósito de referir doenças, em particular os nomes de estrutura composta para os quais existe, nas mesmas obras, um outro nome, de estrutura não composta, que refere a mesma entidade.

A redação de textos de especialidade realizava-se tradicionalmente na língua latina e no período que se observa encontram-se obras médicas redigidas em latim e em português. A redação de textos médicos em língua

portuguesa não tem início no século XVIII, porém é neste século que o português se solidifica também como língua a utilizar na redação de textos de especialidade.

Para a realização do trabalho, tomaram-se como fonte três obras redigidas, sensivelmente, na primeira metade do século:

- Smedo, João Curvo (1704). *Polyanthea Medicinal (...)*. Lisboa;
- Fernandes, Joseph da Sylva (1729). *Discurso Apologetico Cirurgico-Medico*. Lisboa;
- Sanches, Antonio Ribeiro (1756). *Tratado da Conservação da Saude dos Povos. (...)*. Paris.

Estas obras destinam-se a diferentes públicos. João Curvo Smedo e Joseph da Sylva Fernandes dirigem-se a outros médicos e profissionais que atuam na área da saúde mas também ao público em geral, enquanto Antonio Ribeiro Sanches se dirige sobretudo às autoridades com a responsabilidade de tomar decisões relacionadas com o que hoje entenderíamos como saúde pública. Naturalmente, estas obras referem doenças, sintomas, estados, tratamentos, medicações, isto é, um conjunto de condições e procedimentos inerentes ao exercício da atividade médica. Estas condições são referidas através de nomes, nomes de doença, nomes de sintoma, nomes de estado, nomes de tratamentos, nomes de medicamentos.

Pela sua extensão e amplitude de assuntos, a obra de João Curvo Smedo fornece o maior número de elementos do *corpus* em observação.

2. Constituição do corpus

Os nomes de doença que constituem o *corpus* foram recolhidos das obras já indicadas, procurando obter-se um levantamento de denominações sinónimas mas de estrutura morfológica distinta. Isto é, procuraram-se nomes de doença de estrutura composta para os quais as obras indicam como alternativa um outro nome, de estrutura não composta.

Expõem-se em seguida as principais dificuldades surgidas na recolha do *corpus*.

2.1. Denominação de doença

O trabalho atenta na denominação das doenças e este ponto requer uma reflexão. É sabido que atualmente nem sempre é fácil estabelecer uma fronteira clara entre uma doença, um sintoma, uma condição clínica. No século XVIII verificava-se o mesmo. Por isso, ao fazer a recolha do *corpus*, constituído por denominações de doença, são muitas as dúvidas que se colocam. Neste processo deve ainda considerar-se a distância temporal entre a redação dos textos e o momento atual, a distância entre a conceção que à época havia de doença (Barbosa, 2020) e aquela de que hoje se dispõe. Em suma, não pode esquecer-se o quanto o pensamento, mormente o pensamento sobre o conhecimento técnico e científico, se modificou ao longo dos séculos:

La evolución de los estudios sobre el conocimiento científico ha sido tan rica y plural que a finales del siglo XX resulta absolutamente insostenible concebir la relación entre la realidad y la idea al modo escolástico, como una adaequatio rei ad intellectum, porque el entramado formado por la esfera de los objetos (eso que llamamos realidad), las ideas y argumentos que la explican (la esfera cognitiva), su expresión mediante signos (el lenguaje) y el uso social (tecnología) configuran un entramado inseparable (Barona, 2004, p. 39)

No momento de proceder à recolha do *corpus*, optou-se por adotar uma aceção muito ampla da ideia de doença, capaz de abarcar os eventos e condições patológicos presentes nas obras. São, ainda assim, muitas as dúvidas e hesitações.

Para uma aproximação ao entendimento da época, recorreu-se ao *Vocabulario* de Bluteau, que na longa entrada para *doença* apresenta a seguinte explicação inicial: “Indisposição natural, alteração do temperamento, que ofende immediatamente alguma parte do corpo. Há doenças breves, & dilatadas, graves, & leves, simples, & compostas, agudas, separadas, & complicadas, epidemicas materiaes, & immateriaes.” (1713, p. 279). A caracterização presente na primeira frase aponta para uma aceção bastante ampla do conceito, entendido como uma alteração do regular funcionamento do organismo.

Nas obras também é possível encontrar pistas para a identificação das doenças, pois, por vezes, o autor explicita claramente que se trata de uma doença. Veja-se a título de exemplo o excerto retirado de Semedo (1704, p. 19): “He o Estibio preparado, proveytoso para todas as doenças causadas de humor melancólico, principalmente para as ventosidades hypocondriacas, para febres antigas”, que aponta para um entendimento de *ventosidades hypocondriacas* e de *febres antigas* como doenças.

2.2. Nomes compostos

Nas obras, as doenças são denominadas através de distintas formações morfológicas: nomes de origem clássica, de estrutura não composta, e nomes portugueses de estrutura composta. O presente trabalho procura apenas observar as estruturas compostas que denominam doenças e que não sobrevivem no português atual, tendo sido substituídas por outras denominações, de estrutura não composta, e igualmente atestadas nas obras. A Tabela 1 apresenta as denominações de estrutura composta, com as variações ortográficas encontradas, que nas obras correspondem a estes critérios.

Tabela 1

Nomes de Doença Compostos

João Curvo Semedo 1704	Joseph da Sylva Fernandes 1729	António Ribeiro Sanches 1756
gotta coral		
gotta coral do bofe		
gotta serena		
hydropesia da cabeça		
inflamação dos olhos		inflamaçoins dos olhos
inflamação do bofe		
mal de Loanda		mal de Loanda
males galicos; morbo gallico; vicio gallico	vicio gallico; enfermidades gallicas	

Nas obras encontra-se um número de nomes de estrutura composta muito superior ao apresentado. Da Tabela 1 constam apenas aqueles que foram substituídos por uma outra denominação, não composta, e que é também indicada pelos autores. De facto, a perda de uso corresponde a uma perda de uso da forma, ainda que a doença denominada continue a ser considerada enquanto tal.

Com exceção de *inflamaçoins dos olhos*/ *inflamação dos olhos* nenhuma das denominações da Tabela 1 é hoje utilizada. Uma pesquisa no *Dicionário de Termos Médicos* da Porto Editora (s.d.-a) ou no *Dicionário Médico* (Dicionário médico, s.d.) não revela a presença destas denominações. Embora persista na forma, no presente, *inflamação dos olhos* não refere uma doença mas um conjunto de ocorrências, tendo-se verificado uma modificação na sua significação.

3. Nomes de doença de estrutura composta

Nesta secção faz-se a análise dos nomes recolhidos numa perspetiva morfológica, isto é, atendendo à sua estrutura composta, e numa perspetiva semântica, procurando fazer a leitura do modo como se constrói o significado do composto. Não se pretende uma separação estanque entre as duas dimensões, que são interdependentes, trata-se apenas de organizar o modo de expor a informação.

3.1. Estrutura composta

Nas denominações apresentadas na Tabela 1 surgem duas estruturas nominais compostas: [NAdj]_N e [NprepN]_N. Estas duas estruturas compostas são frequentes no português atual. De acordo com Villalva (2020, p. 3155), “a sua estrutura interna é idêntica à sua estrutura sintagmática, sem qualquer violação da mesma”. São, portanto, compostos sintáticos que se situam entre a morfologia e a sintaxe. Na Tabela 2 apresentam-se os nomes do *corpus* organizados de acordo com a sua estrutura morfológica.

Tabela 2

Estrutura Morfológica dos Nomes Compostos

[NAdj] _N	[NprepN] _N
enfermidades gallicas	gotta coral do bofe
gotta coral	hydropesia da cabeça
gotta serena	inflamação dos olhos
males gallicos; morbo gallico; vicio gallico; enfermidades gallicas	inflamação do bofe
	mal de Loanda

Exclui-se da análise que se fará a denominação *morbo gallico* por corresponder à forma latina e não à forma portuguesa, veja-se a informação presente no *Vocabulário*: “Morbo. He palavra Latina ,de *Morbus*, que quer dizer, *Doença*. Usa-se esta palavra quando se falla em males venereos. *Morbo gallico* val o mesmo que *Mal Francez*, como se os Francezes fossem os Chefes, a que este torpe morgado pertencesse” (Bluteau, 1716, p. 575).

Os nomes da Tabela 2 são compostos sintáticos, o que significa que apresentam marcas sintáticas. Na realidade, estes nomes coincidem com o que Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 467) apresentam como compostos sintagmáticos, que se caracterizam por serem “compostos cuja estrutura formal coincide superficialmente com a de um sintagma”.

Essas marcas são mais evidentes nas estruturas [NAdj]_N por, em algumas, ser observável a concordância de género entre o nome e o adjetivo, como é o caso de *gota serena*, que apresenta a marca de género no adjetivo, ou a concordância em número observável em *males gallicos*, tendo o adjetivo a marca de flexão em número.

Encontra-se o mesmo tipo de concordância nos nomes de estrutura [NprepN]_N. O nome da direita surge antecedido do determinante artigo definido, contraído com a preposição *de*, como exemplificam os nomes *hydropesia da cabeça* e *inflamação dos olhos*.

3.2. Significado

Do ponto de vista semântico, o nome da esquerda determina a patologia (cujo campo referencial será delimitado pelo constituinte da direita), comportando-se como constituinte nuclear. Villalva (2020, p. 3157) destaca que “O núcleo de uma palavra composta é o elemento mais forte do ponto de vista do significado.” As estruturas que apresentam este comportamento são consideradas endocêntricas. O constituinte da direita, o adjetivo ou o grupo preposicional, modifica o núcleo restringindo-lhe o significado e a referência. Há, portanto,

uma dependência do constituinte da direita em relação ao constituinte nuclear da esquerda. Este tipo de dependência é idêntico ao que se verifica na sintaxe: a presença do elemento modificador decorre e depende da presença prévia do elemento modificado.

Esta dependência é, como se entende, tanto estrutural quanto semântica, o constituinte nuclear é o centro semântico do composto. No *corpus* encontram-se os seguintes constituintes nucleares: *enfermidades*, *gotta*, *hydropesia*, *inflamação* e *males*. A sua funcionalidade é indicar uma condição patológica de caráter amplo. Os constituintes da direita restringem o significado desse constituinte nuclear permitindo ao conjunto denominar uma única patologia, diferenciada das demais. Deste modo, os nomes compostos constituem-se como hipónimos do constituinte nuclear, são um tipo de *enfermidades*, de *gotta*, de *hydropesia*, de *inflamação* ou de *males*. A existência nas obras consultadas de mais do que uma estrutura composta formada a partir destes elementos nucleares comprova esta relação. A *hydropesia da cabeça* é uma condição patológica que se diferencia da *hydropesia universal*¹ por ocorrer na cabeça. Trata-se de dois tipos de hidropisias que constituem entidades referenciais distintas. Do mesmo modo, a *inflamação dos olhos* é um tipo de inflamação que constitui uma entidade distinta da *inflamação do bofe*, embora tenham em comum o facto de serem inflamações.

Nos nomes de estrutura [NAdj]_N, os adjetivos *coral*, *serena* e *gálico* atribuem ao constituinte nuclear, *gotta*, *mal* e *enfermidade*, uma determinada propriedade, entendida como capaz de o caracterizar de modo inequívoco. Desta forma, o conjunto tem a capacidade de denominar uma determinada doença, *gotta*, *mal*, *enfermidade* ou *vício*, que não se confunde com outras com as quais partilha algumas propriedades essenciais, indicadas pelo constituinte nuclear.

O significado dos nomes que têm como constituinte nuclear *gotta* pode configurar-se como pouco claro para um falante atual. Contudo, este nome indica uma doença e era familiar aos falantes do século XVIII, como se pode verificar na definição de *gotta* apresentada por Bluteau (1713, p. 100): “Doença, causada da acrimonia do humor, que cahe nas juntas, & faz muita dôr.”. Na entrada deste nome não surge a indicação de que se trata de um termo médico. No dicionário surge com frequência a informação “termo de...”, para enquadrar as palavras em determinada área do conhecimento. A ausência desta informação na entrada de *gotta* sugere que a palavra era sentida como de uso comum.

A transparência do significado de *gotta coral* no século XVIII atesta-se também através de Bluteau: “Assim chama o vulgo, o q os Medicos chamaõ Epilepsia, por que imagina o vulgo, que a gota coral, he hum gota, que cahe sobre o coração.” (1713, p. 101). O autor torna clara a difusão popular da designação por oposição ao que seria o termo médico. Em Bluteau encontra-se igualmente a explicação para a denominação *gotta serena*: “he hum total privação da vista, sem sinal exterior, nem lesão sensível nos olhos, que he a razão por que lhe chamaõ Serena, por que a menina dos olhos conserva neste mal toda a sua serenidade aparente. (Bluteau, 1713, p. 101).

Os nomes com estrutura [NprepN]_N comportam-se de modo semelhante, viabilizando a inferência do seu significado a partir dos seus constituintes. Nestes nomes, o grupo preposicional restringe o campo semântico e referencial do constituinte nuclear ao indicar a parte do corpo em que se manifesta a doença. O constituinte nuclear indica um tipo de doença, *hydropesia*, *inflamação* ou *mal*, e o constituinte da direita indica em que parte do corpo essa doença se manifesta, *do bofe*, *da cabeça* ou *dos olhos*. A *hydropesia da cabeça* é uma hidropisia que ocorre na cabeça, assim como uma *inflamação do bofe* é uma inflamação que surge nos pulmões.

O nome *mal de Loanda* requer uma leitura um pouco distinta da dos nomes anteriores, pois o nome presente no grupo preposicional, *Loanda*, indica local de onde o mal é originário. Algo já apontado por Murakawa (2013, p. 317): “No caso da lexia *mal*, para além da preposição ser também locativa como em *mal da cabeça* e *mal da bexiga*, indica, também, o local de onde se origina o *mal*, por exemplo, *mal de Loanda* e

¹ “aqui fallarey só da Hydropesia universal, que he hum tumor preternatural de todo o corpo, ou de muyta parte delle, occasionado por depravação da virtude digestiva do figado, o qual em lugar de converter os alimentos em humores saudaveis, os converte ou em flatos, & faz Hydropefia Timpanitis; ou em fleuma liquida, & faz Hydropefia Anasarca; ou em soros, & faz Hydropefia Ascitis, que saõ as três especies de Hydropesia universal” (Semedo, 1704, p. 469).

mal contagioso da Costa ou, ainda, a causa do *mal*, como em *mal da Bicha*, *mal da terra* e *mal da Mina*.” É de notar que, diferentemente dos casos anteriores, a denominação desta doença não se faz a partir de propriedades suas observáveis, como acontece com os compostos de estrutura [NAdj]_N, nem a partir da indicação da parte do corpo em que ocorre, como nos nomes de estrutura [NprepN]_N, mas a partir de um conhecimento externo ao curso e características da própria doença. Contudo, a denominação não se configura como hermética, os falantes conhecem os elementos do composto e o conhecimento que têm do mundo permite-lhes aproximarem-se do significado².

Pelo exposto, conclui-se que o significado destes nomes de doença compostos (sem esquecer a especificidade apontada a *mal de Loanda*) se caracteriza pela sua composicionalidade, uma vez que “a interpretação semântica do todo pode ser deduzida a partir da interpretação semântica das partes” (Villalva, 2020, p. 3159). A interpretação não é sempre uma soma linear do significado das partes, deve recordar-se que

entre a infinitude da realidade extralinguística a ser nomeada e a finitude de elementos de uma língua, eles encontram a sua razão de ser, que é a de dar nomes aos seres pela junção, grosso modo, dos nomes de outros seres, aludindo de alguma forma, seja de maneira descritiva ou figurativa, ao que está sendo designado. (Silva, 2011, p. 31)

A composicionalidade semântica destes nomes dota-os de uma capacidade descritiva das doenças que denominam; o nome é, também, em parte, uma descrição da doença.

Uma outra particularidade notória destes nomes de doença de estrutura composta, e correlacionada com o que foi indicado, é o facto de os seus constituintes serem palavras do domínio comum³, o que torna o significado dos compostos acessível aos falantes e não apenas aos profissionais da área. Finatto (2020, p. 22), que apresenta a mesma observação, indica que “Isso tem a ver com uma provável facilitação da linguagem empregada, de modo que pudesse ser compreensível pelo leitor tipificado, à época, como uma pessoa dedicada a atender doentes, mediante pagamento, caso, por exemplo, dos boticários ou dos cirurgiões-barbeiros.”.

4. Nomes de doença de estrutura não composta

Os nomes compostos que constam das Tabelas 1 e 2 não são utilizados atualmente. Na presente secção, apresentam-se as denominações alternativas, presentes nas obras que fornecem o *corpus*, e uma reflexão sobre as motivações para essa substituição de denominações.

Como já indicado, é necessário considerar o nome composto *inflamação dos olhos* como uma exceção na medida em que ainda persiste. No entanto, a sua prevalência no português atual não é como denominação de doença mas como denominação de estado patológico transitório e localizado, que não chega a ser considerado doença⁴.

Na Tabela 3 indicam-se os nomes compostos em apreço e as denominações alternativas com uma estrutura não composta.

² “Mal de Loanda. Enfermidade contagiosa, à qual por ventura se deo este nome, por ser commua em Loanda, que como Ilha facilmente pôde estar sujeita a este mal, que de ordinário domina em terras marítimas, & particularmente nas povoações vizinhas do mar Báltico. Os Hollandezes lhe chamão Scorbut, & os Dinamarquezes Crobuto, que quer dizer Ventre quebrado. Os Alemães lhe chamão Scormunt, que vai tanto como osso, ou boca quebrada, porque na realidade os que tem esta doença, padecem muito dos hypocondrios, & das gengivas.” (Bluteau, 1716, p. 167)

³ Hydropsia é “Inchação, ou tumor preternatural do ventre, ou das pernas, ou do corpo todo, causada de huma agoa intercutanea, quando não há boa sanguificação no fígado.” (Bluteau, 1713, p. 80). Contrariamente a outras, a palavra não é indicada como pertencente à linguagem médica pelo que se pode depreender que pertencesse ao conhecimento e uso comuns. O nome *gota* surge como “Doença, caufada da acrimonia do humor, que cahe nas juntas, & faz muita dôr.” (Bluteau, 1713, p. 100). Também aqui não é indicada uma utilização preferencial em contexto médico.

⁴ Veja-se a título de exemplo, o texto que acompanha a descrição de alergia ocular, listada como uma das doenças oculares mais comuns, “É uma inflamação dos olhos causada por uma resposta do sistema imunológico a uma determinada substância que o nosso organismo reconhece como perigosa, um alérgeno.”, no site do Grupo Lusíadas Saúde (Branco, s.d.).

Tabela 3

Nomes de Doença de Estrutura Composta e o seu Equivalente de Estrutura não Composta

Nomes de estrutura composta	Nomes de estrutura não composta
gotta coral	epilepsia
gotta coral do bofe	asma
gotta serena	amaurosis
hydropesia da cabeça	hydrocephalos
inflamação dos olhos / inflamações dos olhos	optalmia
inflamação do bofe	peripneumonia
mal de Loanda	escorbuto

As formas denominativas não compostas já existiam no século XVIII e estão, inclusivamente, atestadas nas obras em apreço. Os próprios autores fazem a correspondência entre as duas denominações:

- “Gotta Serena, a que os Doutores chamão Amaurosis” (Semedo, 1704, p. 260);
- “porque a Asma não he outra enfermidade mais que huma gotta coral do bofe” (Semedo, 1704, p. 295)
- “hydropesia da cabeça, a que os Doutores chamão Hydrocephalos” (Semedo, 1704, p. 99);
- “Optalmia, ou inflamação dos olhos” (Semedo, 1704, Index);
- “Inflamação do bofe a que os Doutores chamão Peripneumonia” (Semedo, 1704, Index);
- “escorbuto, chamado vulgarmente mal de Loanda” (Semedo, 1704, p. 196);
- “o mal de loanda a que os Povos do Norte chamaõ escorbuto” (Sanches, 1756, p. 114).

Note-se que ao longo das suas obras os autores optam por utilizar de forma recorrente os nomes compostos. A indicação do nome alternativo é, de facto, apenas isso, uma indicação que por vezes se encontra somente nos títulos ou parágrafo inicial da secção dedicada à doença.

É curiosa a anotação que Curvo Semedo faz sobre algumas denominações, considerando-as próprias dos “Doutores”, estabelecendo dessa forma uma distinção entre o que seria o termo técnico, de estrutura não composta, e a denominação popular, comumente utilizada, de estrutura composta. É relevante que ao longo da sua obra opte por utilizar a denominação popular. A opção não é justificada mas pode estar relacionada, como proposto por Finatto (2020), com o facto de a sua obra ser dirigida não apenas a profissionais de saúde mas a um público mais amplo.

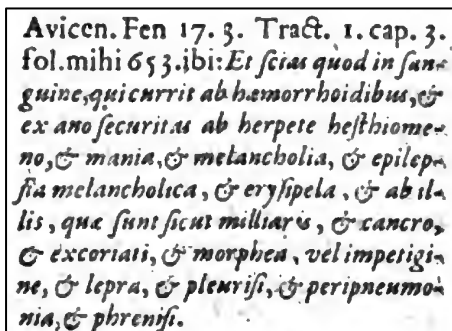
O nome *escorbuto*, apresentado tanto por Curvo Semedo como por Ribeiro Sanches, como sinónimo de *mal de Loanda*, é indicado como sendo de origem nórdica.

O nome *epilepsia* não é utilizado pelos autores nas suas obras, embora se encontre, como já indicado, em Bluteau (1713, p. 101): “Assim chama o vulgo, o q os Medicos chamaõ Epilepsia, por que imagina o vulgo, que a gota coral, he huma gota, que cahe sobre o coração.”. Mais uma vez se observa a distinção entre o que se considera a denominação própria dos médicos, dos especialistas, e a denominação utilizada pela população em geral. Apesar de Curvo Semedo não utilizar a palavra *epilepsia* no seu texto, ela surge nas citações em latim que utiliza para fortalecer o seu discurso, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1

Exemplificação da Presença da Palavra *Epilepsia* em Citações de Obras Redigidas em Latim na Obra *Polyanthea*

Medicinal de Curvo Semedo (1704, p. 418)



No entanto, Curvo Semedo utiliza, recorrentemente, o adjetivo *epiletico* para se referir aos que sofrem de *gotta coral*, como se pode ver de um excerto retirado do capítulo em que aborda esta doença: “fizerão em Londres na cabeça de hum epileptico” (Semedo, 1704, p. 73).

Numa primeira observação dos nomes não compostos da Tabela 3, ressaltam os nomes *amaurosis* e *hydrocephalos* pela sua configuração pouco conforme ao português. Cunha (1986) indica o nome grego *amaúrosis* como estando na origem de *amaurose*, que aponta como atestado no século XVII, significando perda de visão. Este nome teria chegado à língua portuguesa através do francês. O nome *hidrocéfalo*, que Cunha (1986) aponta como atestado em 1813 na forma *hydrocéphalo*, tem origem no nome grego *hydroképhalon*.

Os nomes *amaurose* e *hidrocéfalo* encontram-se atualmente atestados, por exemplo, no *Dicionário de Termos Médicos* da Porto Editora, disponível online. *Amaurose* denomina uma condição patológica que se aproxima da *gotta serena*, presente no texto de Curvo Semedo. Parece tratar-se de uma substituição de termos, tendo prevalecido aquele que, já no século XVIII, era sentido como termo médico.

A situação de *hidrocéfalo* é ligeiramente distinta pois atualmente surge indicado no *Dicionário de Termos Médicos* da Porto Editora como adjetivo ou nome masculino, indicando o que sofre de hidrocefalia. Na realidade, é *hidrocefalia* o nome que atualmente denomina o que Curvo Semedo designava por *hydropesia da cabeça*. Uma expressão de estrutura compósita aproximada da de Curvo Semedo aparece na definição de *hidrocefalia*: “acumulação anormal de líquido cefalorraquidiano no crânio, hidropisia cerebral” (Porto Editora, s.d.-b).

Fica então claro que os nomes compostos *gotta serena* e *hydropesia da cabeça* constituíam uma denominação comum, sentida como não técnica, de doenças no século XVIII, tendo como concorrentes as denominações *amaurosis* e *hidrocéfalo* que se preservam hoje nos nomes de doença *amaurose* e *hidrocefalia*.

Outros três nomes de origem grega, *epilepsia*, *optalmia/ophtalmia*⁵ e *peripneumonia*, apresentam a terminação -ia. Vejam-se as informações etimológicas obtidas para os nomes:

- *epilepsia*: com origem no grego *epilēpsía*, através do latim tardio *epilepsia* (Cunha, 1986)
- *ofialmia*: com origem no grego *ophthalmía*, através do latim tardio *ophthalmia* (Real Academia Española. (s.d.).

⁵ Em Bluteau, as duas grafias aparecem como alternativas: “Optalmia: Vid. Ophtalmia.” (Bluteau, 1720, p. 93)

- *peripneumonia*: com origem no grego *peripneumónia*, através do latim tardio *peripneumonia* e do francês *peripneumonie* (Cunha, 1986)

De acordo com as informações apresentadas, a origem dos três nomes remonta ao grego. Este dado, associado ao facto de apresentarem a terminação -ia, pode ter sido determinante para a sua prevalência no discurso médico. Note-se que nas obras em referência se encontram nomes como *amblyopia* (Semedo, 1704), *dysenteria* (Semedo, 1704; Sanches, 1756) que prevalecem na atualidade. Estes dois nomes, juntamente com *adipasia*, *diplopia* ou *distocia*, por exemplo, surgem em dicionários de termos médicos atuais. A sua terminação aproxima-os dos nomes derivados em -ia, sufixo que se caracteriza por ser “neutro do ponto de vista semântico, o que lhe permite funcionar como o mais apto para a formação de nomes de propriedade (*anomalía*, *autonomia*, *cinéfila*), de prática (*cleptocracia*, *demagogia*), de atividade (*astrologia*, *geografia*, *lexicologia*), de doença (*acefalia*, *psicopatia*) relacionada com o que a base denota.” (Rio-Torto, 2016, p. 147).

A associação do sufixo -ia à formação de nomes de doenças, vinda do grego, deverá ter consistido em português num processo de afirmação gradual cujo culminar é indicado por Rio-Torto no século XIX. A presença alternativa das duas denominações na obra de Curvo Semedo, no século XVIII, revela um estágio intermédio, anterior às noções de taxinomia ou de terminologia que só posteriormente se implementariam. O autor escolheu uma das denominações para utilizar na sua obra e a opção recaiu na denominação que associava ao uso não especializado, popular, acessível ao público. Esta opção permite-lhe chegar a um público mais amplo, garantir que os leitores, mesmo não sendo médicos, identificam as patologias a que se refere. No entanto, não deixa de indicar a correspondência com o que atualmente designaríamos por termo.

O nome *peripneumonia* sofreu uma ligeira inflexão do seu significado, uma vez que na atualidade denomina uma doença veterinária e não médica. Na realidade, o significado mantém-se estável, ainda que ajustado pela ampliação do conhecimento, tendo sido redirecionado para um campo distinto, mas próximo.

Por observar estão ainda os nomes *asma* e *escorbuto*. À semelhança dos nomes anteriores, *asma* tem origem no grego *ásthma* (Cunha, 1986).

Ribeiro Sanches (1756) indica que o nome *escorbuto* tem origem no Norte da Europa. Este facto é corroborado por Cunha (1986), que aponta a origem escandinava do nome a partir de *skyrbjúgr*, que no latim medieval assume a forma *scurbutus*. Aponta como primeira atestação em português a forma *scurbuto* em 1649.

5. Considerações finais

Os nomes de doença, compostos e não compostos, em observação neste trabalho são retirados de textos médicos, pelo que poderiam ter sido considerados numa abordagem terminológica. Não era, contudo, o propósito deste trabalho elaborar considerações a esse nível, mas antes recordar que na

mutabilidade de um conjunto de termos científicos e de suas conceituações, ao longo do tempo, desvelam-se diferentes trajetórias do conhecimento. Assim, o exame de denominações e de enunciados, em meio a diferentes textos e discursos, conforme se sucedam, pode oferecer mais uma perspectiva para avaliarmos os processos de evolução dos saberes e das linguagens especializadas (Finatto, 2020, p. 20).

O propósito do trabalho consistiu em conhecer as formas denominativas de doenças para compreender os mecanismos que terão conduzido à supressão de algumas denominações e à manutenção de outras, suas concorrentes.

A constatação de que nas obras médicas se opta pela denominação de doenças através de nomes compostos, reconhecidos pelos autores como denominações de carácter popular, apesar de indicarem um outro nome próprio de “Doutores”, sugere algumas observações.

É de notar a opção por formas denominativas de significado composicional, que, por isso mesmo, aproximam a obra de um público mais alargado. Compreende-se a opção por estes nomes uma vez que “Nos séculos XVII e XVIII, não apenas a medicina, mas também a química e a farmácia não estavam estabelecidas

como ciências” (Botta, 2013, p. 216). A prática da medicina, sobretudo no que toca às curas que implicam a elaboração de beberagens, cataplasmas, caldos, etc., adequados a uma doença corretamente identificada, cabe não apenas aos médicos mas também a cirurgiões e, eventualmente, a curiosos. As obras são dirigidas a um público vasto e fazem a descrição das doenças e dos seus sintomas, sobretudo a de Curvo Semedo. Este pendor descritivo substitui-se à utilização do termo não composto, entendido como a “combinação indissociável de uma denominação e de um conceito” (Botta, 2013, p. 218). Os nomes compostos ajudam o leitor da época a compreender as linhas gerais da doença denominada. Tal não sucede nas denominações de origem clássica, ainda que apresentem uma terminação que possa ser reconhecida, como é o caso de -ia, pois, com pouca probabilidade, os falantes acederão ao significado da base. Estas denominações são opacas a quem não as conhece.

Ressalva-se que não se assume a composicionalidade semântica como exclusiva de estruturas compostas. Efetivamente, “compounds and derivative words may present greater or lesser semantic transparency, that is, their meaning may or may not correspond to the sum of the meanings of their constituents” (Rio-Torto, 2012, p. 401). Portanto, tanto os nomes de estrutura composta como os de estrutura não composta poderiam apresentar um significado composicional. A observação do significado dos nomes do *corpus* e da sua estrutura morfológica revelou que, no *corpus* recolhido, apenas os nomes de doença de estrutura composta apresentam um significado composicional.

Deve ter-se ainda em mente que “meaning is identified as the conceptualization associated with linguistic expressions” (Langacker, 2008, p. 4). Portanto, a construção do significado decorre da interação dos falantes com o mundo físico, do conhecimento e experiência daí decorrentes, bem como das interações que estabelecem entre si. O desaparecimento de algumas das estruturas compostas designadoras de doença, a sua substituição por outras estruturas morfológicas ou a sua prevalência mas não como nome de doença são reflexo do conhecimento que se tem do mundo. Observar as denominações utilizadas no século XVIII a partir do século XXI, bem como o seu percurso, deixa entrever a evolução do conhecimento científico.

Além da questão estritamente linguística que diz respeito à estrutura dos nomes e à construção do seu significado (e a relação que este implica com a realidade), deve considerar-se que as obras pertencem, grosso modo, à primeira metade do século XVIII. São coevas de Lineu e, portanto, do surgimento da taxinomia moderna. A obra de Curvo Semedo antecede mesmo em três anos o nascimento de Lineu. A redação das obras pertence a um tempo em que a medicina ainda não estava instituída como ciência e, portanto, a denominação dos conceitos não se colocava como um problema exceto pela sua inteligibilidade e acessibilidade.

Consequentemente, também não se colocava ainda a questão terminológica, ou do discurso de uma área de especialidade. Todas essas ideias surgiam mais ou menos embrionariamente no período de redação das obras, não podendo, por isso mesmo, estar presentes nelas.

Recordam-se as palavras de Finatto (2020, p. 21): “o estudo diacrônico dos termos — e das linguagens técnico-científicas — é, sim, relevante. Essa relevância é justificada à medida que repercute, no seu aspecto linguístico, não só uma história de designações e de conceitos, mas elementos de interesse da História das Ideias”. O estudo apresentado demonstra precisamente o que Finatto afirma, a utilização preferencial dos nomes compostos, em detrimento dos nomes usados por “Doutores”, médicos de mérito reconhecido, denota a importância da composicionalidade do significado e da sua consequente transparência para a partilha do conhecimento médico. A acessibilidade ao leitor parece sobrepor-se à exatidão denominativa.

Referências

- Barbosa, A. V. (2020). Do conhecimento da doença à sua nomeação: uma viagem pelo Tratado da Conservação da Saude dos Povos, de António Ribeiro Sanches. *Panace@*, 21(52), 37–48.
- Barona, J. L. (2004). Hacer ciencia de la salud: Los diagnósticos y el conocimiento científico de las enfermedades. *Panace@*, 5(15), 37–44.
- Bluteau, R. (1713). *Vocabulario Portuguez e Latino*. Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Bluteau, R. (1716). *Vocabulario Portuguez e Latino*. Officina de Pascoal da Sylva.
- Bluteau, R. (1720). *Vocabulario Portuguez e Latino*. Officina de Pascoal da Sylva.
- Branco, M. (s.d.). *As 11 doenças dos olhos mais comuns*. Lusíadas Saúde. <https://www.lusiadas.pt/blog/doencas/11-doencas-olhos-mais-comuns>
- Cunha, A. G. (1986). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira.
- Dicionário médico. (s.d.). <https://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/>
- Fernandes, J. da S. (1729). *Discurso Apologetico Cirurgico-Medico*. Officina de Miguel Rodrigues.
- Finatto, M. J. B. (2020). Medicina em português no século XVIII: Desafios da terminologia diacrônica no cenário das humanidades digitais. *Panace@*, 21(52), 20–36.
- Langacker, R. W. (2008). *Cognitive grammar: A basic introduction*. Oxford University Press.
- Murakawa, C. de A. A. (2013). O vocabulário das enfermidades em documento do Brasil Colonial: O relato de Prodigiosa Lagoa (1749). In C. de A. A. Murakawa & O. L. N. da Silva (Eds.), *Terminologia: Uma ciência interdisciplinar* (pp. 280–320). Editora Cultura Acadêmica.
- Porto Editora. (s.d.-a). *Dicionário infopédia de termos médicos*. Infopédia. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos>
- Porto Editora. (s.d.-b). *Hidrocefalia*. In *Infopédia – Dicionários Porto Editora*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hidrocefalia>
- Real Academia Española. (s.d.). *Oftalmia*. In *Diccionario de la lengua española* (em linha). <https://dle.rae.es/oftalmia?m=form>
- Ribeiro, S., & Rio-Torto, G. (2016). Composição. In G. Rio-Torto, A. S. Rodrigues, I. Pereira, R. Pereira & S. Ribeiro (Eds.), *Gramática derivacional do português* (2.ª ed., pp. 461–517). Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316.2/38912>
- Rio-Torto, G. (2012). Lexical idiomatcity and word processing. In A. Fábregas, E. Felíu, J. M. García & J. Pazó (Eds.), *Los límites de la morfología. Estudios ofrecidos a Soledad Varela Ortega* (pp. 397–412). Universidad Autónoma de Madrid.
- Rio-Torto, G. (2016). Formação de nomes. In G. Rio-Torto, A. S. Rodrigues, I. Pereira, R. Pereira & S. Ribeiro (Eds.), *Gramática derivacional do português* (2.ª ed., pp. 136–240). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8_2
- Sanches, A. (1756). *Tratado da Conservação da Saude dos Povos*. Paris.
- Semedo, J. C. (1704). *Polyanthea Medicinal. Noticias Galenicis, e Chymicas*. Officina de Antonio Pedroso Galram.
- Silva, A. V. T. A. (2011). Metáfora e metonímia: O traço-de-união entre os compostos. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 11(1), 27–45. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982011000100003>
- Soledade, J. (2018). Por uma abordagem cognitiva da morfologia: Revisando a morfologia construcional. In A. A. D. Almeida & E. S. dos Santos (Orgs.), *Linguística cognitiva – Redes de conhecimento d'áquem e d'álem-mar* (pp. 225–258). EDUFBA.
- Villalva, A. (2020). Composição. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 3, pp. 3153–3210). Fundação Calouste Gulbenkian.